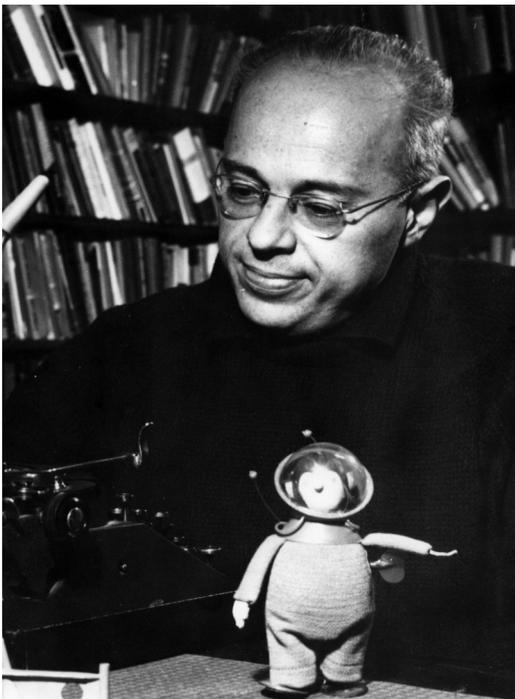




**A RAZÃO PESSIMISTA:
“MACACO DE VIAGEM” – ENTREVISTA DE JACEK
ŻAKOWSKI* COM STANISLAW LEM**

**APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DE
Olga Guerizoli-Kempinska**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
olgakempinska@yahoo.com.br**



Stanisław Lem (1921-27.03.2006) pertence ao grupo dos mais eminentes intelectuais poloneses do século XX. É também um dos autores poloneses mais traduzidos, lidos e conhecidos no mundo, ainda que a recepção de sua obra seja por vezes um tanto prejudicada por sua identificação, um pouco simplória, com a literatura de ficção científica, gênero literário considerado por vários como marginal ou mesmo de má qualidade. Lem é, sem dúvida nenhuma, ao lado dos irmãos Strugacki e de Philip K. Dick, um dos autores de ficção científica mais profundos e interessantes, mas é também o autor de vários ensaios que concernem a domínios tão distintos como o das ciências exatas, da epistemologia, da sociologia, da ética, da antropologia e da religião.

Para os leitores brasileiros, Lem é antes de mais nada o autor de *Solaris* (primeira edição polonesa em 1961). Dois de seus outros romances foram traduzidos no

* Jacek Żakowski (1957-) é jornalista. Produziu diversos programas culturais de rádio e televisão. Entrevistador de várias figuras importantes da cena cultural e política polonesa.

** Doutoranda em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Brasil, as *Memórias encontradas numa banheira* (1985) e *A voz do mestre* (1991), mas permaneceram praticamente desconhecidos. Em grande medida, *Solaris* deve sua celebridade às duas adaptações para o cinema – por Andrei Tarkovski, em 1972, e por Steven Soderbergh, em 2002 – que, no entanto, desagradaram bastante o escritor. Sendo um questionamento acerca dos limites do conhecimento, um livro que discute com algumas convenções literárias e, antes de mais nada, uma obra que oferece a possibilidade de várias interpretações, *Solaris* é um romance muito difícil de ser adaptado. Tanto Tarkovski quanto Soderbergh tiveram que optar por uma de suas possíveis interpretações e, com isso, acabaram por limitar consideravelmente seu alcance.

No conjunto da obra de Lem, *Solaris* pertence a uma fase central, chamada às vezes, por especialistas, de cética. Essa fase se estabelece após o otimismo dos anos 50, expresso em obras como *Astronautas* (1951) ou *A Nuvem de Magellan* (1955), nos quais é manifesta a fascinação perante o progresso tecnológico e a fé nas possibilidades do homem. A fase cética que segue é mais interessante e mais fértil. Como em *Solaris*, em vários outros romances e contos, como por exemplo *Investigação* (1959), *Retorno das estrelas* (1959) ou *Invencível* (1964), o ser humano aparece como essencialmente frágil. A própria natureza humana constitui frequentemente uma barreira inultrapassável para o conhecimento. Assim, em *Solaris*, apesar da formação de toda uma ciência, a “solarística”, o misterioso oceano que forma aquele planeta não deixa de escapar a todas as metodologias e constitui-se num problema hermenêutico insolúvel. O homem não somente é incapaz de entender a natureza desse ser diferente, como também sofre profundamente por causa de suas intervenções incompreensíveis. Um dos pesquisadores da *Solaris* desmistifica as intenções humanas num discurso desesperado:

Nós não queremos conquistar o universo, mas, antes, estender a Terra até os limites dele. [...] Não procuramos nenhum outro, apenas o homem. Não precisamos de outros mundos. Precisamos de espelhos. Não sabemos o que fazer com outros mundos. Esse nosso único nos basta e já engasgamos com ele.¹

Depois da fase de ceticismo surge, nos anos 1980, na obra de Lem uma tonalidade nitidamente pessimista. No fim da década de 1980, o escritor renuncia, aliás, totalmente à literatura de ficção científica e passa a escrever somente ensaios.

¹ LEM, Stanislaw. *Solaris*. Warszawa: Iskry, 1982, p. 90.

A entrevista com Lem de 2000 é expressão profunda desse pessimismo. Para entender seu verdadeiro alcance, é preciso notar que, na Polônia, Lem foi durante as décadas considerado não apenas como um escritor de talento, mas também como um pensador que, dotado de um grande saber em vários domínios e de uma incrível imaginação, era em certa medida capaz de prever o futuro. Com oitenta anos de idade, Lem parece, no entanto, completamente desiludido com o futuro encontrado. Sua desilusão não diz respeito propriamente à natureza das realizações da tecnologia, muitas das quais, como o desenvolvimento da informática e a aparição de uma realidade virtual, ele, aliás, de fato havia previsto. A profunda desilusão do pensador relaciona-se, antes, com a maneira de se utilizar a tecnologia e, principalmente, com a sua comercialização.

Para o leitor é por vezes difícil decidir quais são as verdadeiras fontes desse pessimismo e, com isso, avaliar a relevância das afirmações, não raramente bastante acusadoras, de Lem. Sem dúvida, há de se levar em consideração o contexto imediato da entrevista, ou seja, a idade avançada do escritor e as mudanças radicais que ele presenciou na Polônia, onde a introdução do capitalismo ocorreu de maneira muito agressiva. Mas vale também simplesmente refletir com Lem sobre a realidade, na qual estamos normalmente tão imersos que nem sabemos que ela nos escapa.

JACEK ŻAKOWSKI: *Estou enganado, ou do que você escreveu no “Okamgnienie”² resulta que Stanisław Lem, entusiasta do progresso tecnológico, ficou desiludido perante o mundo que realiza as visões que eram suas próprias?*

Stanisław Lem: Na verdade, você não está enganado. A confrontação de minhas representações futuroológicas com a realidade assemelha-se um pouco a uma colisão. Isso que foi meu sonho não se realizou. Das possibilidades que nos oferecem o saber e a ciência sempre escolhemos apenas uma pequena parte e essa pequena parte utilizada determina a gama de nossas futuras escolhas. Ora, os critérios de escolha que utilizamos durante o último meio século, e sobretudo ultimamente, foram diferentes dos que eu imaginava. Das coisas que vislumbrava realizou-se aquilo que foi lucrativo, que foi fácil de vender. Não pegamos do futuro o que era mais belo, o que fazia mais sentido, o que

² “Okamgnienie” (“Piscar de olhos”) é o título de um ensaio de Lem publicado em 2000.

era mais excitante, o que cada um de nós poderia fazer melhor, mas, antes, o que pareceu mais comercial para quem dispõe de dinheiro, o que pôde ser matéria das melhores idéias de marketing dos jovens das grandes agências publicitárias.

Quarenta anos atrás tentei imaginar o mundo em 2000. Nesse mundo imaginado a gente sabia mais ou menos tanto quanto sabemos hoje em dia, tinha mais ou menos as mesmas possibilidades técnicas e sabia fazer mais ou menos o que nós sabemos fazer. No entanto, faziam coisas um pouco diferentes.

JACEK ŻAKOWSKI: *Um pouco?*

Stanisław Lem: Mas um “um pouco” muito importante.

JACEK ŻAKOWSKI: *Ou seja?*

Stanisław Lem: Não escolhemos o que é mais belo e mais útil, mas o que traz um retorno mais rápido de capital.

JACEK ŻAKOWSKI: *Por exemplo?*

Stanisław Lem: Por exemplo, fizemos muito mais esforço para tornar as mudanças as mais rápidas possíveis do que para que melhorassem de fato a nossa vida. Veja o que acontece no mercado de livros. O livro vive hoje em dia dois ou três meses – e acabou. Quem guarda na sua livraria um livro do ano passado? Já é uma velharia. Os livreiros do mundo inteiro dizem que há títulos novos em demasia para que possam permitir-se guardar os antigos. Que haveria cada vez mais títulos sabíamos já faz tempo. Isso, no entanto, não tinha que levar à destruição da cultura – poderia enriquecê-la. Era possível imaginar que, quando houvesse mais livros publicados, a cultura sairia ganhando, pois aumentaria a chance de publicação de uma obra prima. Na realidade acontece o contrário. As obras primas – mesmo se surgem – perdem-se numa produção incomensurável, e o que faz carreira são, antes, coisas de má qualidade bem promovidas.

JACEK ŻAKOWSKI: *Mas os seus livros...*

Stanisław Lem: Não falemos de mim. Mas, em geral, as maiores obras desaparecem da cultura. Você conhece alguém que, à noite, de olhos cansados e lâmpada acesa, fique lendo a *Epopéia de Gilgamesh* ou a *Odisséia*? Hoje em dia ninguém mais lê as obras

primas da literatura mundial. As pessoas lêem Grisham e desconhecem Homero. Isso aconteceu durante os últimos cinquenta anos. O mercado de livros matou a literatura.

JACEK ŻAKOWSKI: *Talvez não seja que o mercado tenha matado a literatura, mas antes nós tenhamos mudado tanto que as antigas obras primas não nos comovem mais. Será que talvez a Odisséia e a Epopéia de Gilgamesh não pertençam a uma cultura que há meio século ainda estava viva e hoje em dia já não está mais? Será que talvez nós não somos apenas aparentemente os mesmos e pertençamos apenas aparentemente a essa mesma cultura sendo, porém, no fundo, já diferentes?*

Stanisław Lem: Talvez.

JACEK ŻAKOWSKI: *Será que talvez os nossos cérebros tenham mudado? Será que talvez nós não simplesmente pareçamos os mesmos por fora, tendo por dentro outra coisa?*

Stanisław Lem: Pode ser.

JACEK ŻAKOWSKI: *Será que talvez a televisão e a eletrônica não nos tenham mudado tanto que sentimos de uma maneira diferente que os antigos amadores de Homero?*

Stanisław Lem: Está bem, em literatura fantástica de fato existe uma grande corrente que descreve a concorrência entre os seres humanos e os diversos monstros humanóides, que por fora assemelhavam-se aos homens, mas por dentro tinham algo de diferente, ou porque foram criados em laboratórios ou porque eram seres humanos aos quais injetou-se alguma coisa ou mudou-se a programação do cérebro. A aparição desses monstros sempre era efeito de uma ação proposital de alguém. A ninguém passou pela cabeça que um tal monstro pudesse aparecer como resultado de processos sociais. Mas, talvez, tenha sido isso o que ocorreu. Você tem talvez razão que, sob o efeito de imagens que piscam e de toda uma cultura de massa tão agressiva, tenhamos nos tornado diferentes, possuindo cérebros diferentes.

JACEK ŻAKOWSKI: *Você sente isso?*

Stanisław Lem: Não sinto, mas isso não significa que não seja verdade. O homem não sabe julgar-se sozinho. Não é possível ser ao mesmo tempo médico e paciente, da

mesma maneira que não se pode levantar a si mesmo. Mas, no entanto, dá para ver que, em nossas cabeças, acontece algo que era antes inconcebível. Que as pessoas não leiam *A Epopéia de Gilgamesh* não é ainda tão grave. Mas todas essas confusões de Clinton, a horrível queda de Kohl, e Putin – “Ras-Putin” – à frente de uma grande potência nuclear; tudo vai cada vez mais rápido e tudo balança. Com essa velocidade alguma loucura aparece na cultura. Não dominamos isso. Todos estamos perdidos. Por isso, no *Okamgnienie* tento frear minha imaginação. Renuncio às previsões políticas. Tento apenas prever o desenvolvimento da tecnologia.

JACEK ŻAKOWSKI: *Quarenta anos atrás, quando você escrevia os seus primeiros bestsellers, a modernidade parecia algum país distante e fascinante.*

Stanisław Lem: Muito fascinante.

JACEK ŻAKOWSKI: *De longe, como sabemos, a maioria das coisas parece mais interessante do que de perto.*

Stanisław Lem: Claro.

JACEK ŻAKOWSKI: *Nos últimos anos, de repente imergimos muito nessa modernidade. E de perto, ela revelou-se bem menos romântica e bela do que vista com os olhos do Pirx.³ Será que você ficou talvez com medo de seus próprios pensamentos?*

Stanisław Lem: Pode ser que não tenha ficado com medo porque, pessoalmente, não tenho o que temer. Durante a minha vida não acontecerá provavelmente mais nada de terrível. Mas, em grande medida, senti-me desiludido. Por isso, nesse pequeno livro, tentei fazer um balanço das perdas e ganhos. Quando peguei alguns dos mais famosos livros futuroológicos de trinta anos atrás, averiguou-se que as coisas seguiram um caminho bem diferente do que imaginavam os cérebros mais potentes dos anos 60. Não se realizaram as previsões de Kahn, do Hudson Institut e nem da Comissão Bell. Nada se realizou. Mostrou-se de fato que o único que tinha razão era Antoni Golugiev, que gostava de repetir que o futuro consiste no fato de que “tudo é diferente” – diferente do que imaginamos. E de fato é assim. Só que diferente não significa nem mais maravilhoso nem mais terrível. Apenas diferente.

³ Astronauta, protagonista de contos de Lem.

JACEK ŻAKOWSKI: *Há no entanto previsões e prognósticos que se realizaram em parte. Por exemplo a violenta evolução da família anunciada pela Comissão Bell ou a clonagem prevista por futurólogos.*

Stanisław Lem: Dos milhares de prognósticos algum deve sempre realizar-se. Mas, basicamente, dos nossos sonhos e medos a história sempre faz uma confusão, na qual há de tudo. A clonagem, a criação dos órgãos, a recomposição das pessoas de diversos pedaços – isso tudo se realiza, mas de uma maneira um tanto diferente.

JACEK ŻAKOWSKI: *Diferente em que sentido?*

Stanisław Lem: Talvez, por exemplo, no sentido de que aquilo que era um sonho abstrato agora torna-se uma parte do contexto, enraíza-se no contexto, é incluído no quotidiano e perde seu caráter excepcional. Mesmo se esse mundo está em grande medida composto de pedaços previstos, sua soma é completamente diferente do que nos parecia. Não se sabe, aliás, em que essa diferença consiste exatamente. Talvez no fato que no mundo contemporâneo não haja o entusiasmo dos sonhos de ontem. Talvez no fato que tudo em nossa volta tenha sofrido uma estranha aceleração. Talvez no fato que tudo aconteça rápido demais para que nós possamos ficar felizes com as novas realizações. Os problemas aparecem com uma rapidez tão enlouquecedora que não estamos conseguindo resolvê-los, freqüentemente nem mesmo conseguimos percebê-los até o momento de uma explosão. Por exemplo, o caso de Haider.⁴ Parece que todo mundo ouviu falar ou leu alguma coisa, mas quem imaginou há dois anos que isso pudesse ser um dos sérios problemas de toda Europa?

JACEK ŻAKOWSKI: *Você acha que a situação escapou ao controle?*

Stanisław Lem: Parece-me que estamos um pouco como um ciclista descendo uma montanha a grande velocidade, que não pode mais nem virar, nem frear, nem mesmo ver as pedras sob as quais tropeça o tempo todo. Pode apenas apegar-se com dificuldade à bicicleta que vai cada vez mais rápido e pula cada vez mais forte. Por enquanto as pedras ainda não são nem tão perigosas, mas a velocidade aumenta.

⁴ Jörg Haider, proeminente político austríaco que é uma das principais lideranças da (extrema) direita centro-européia.

JACEK ŻAKOWSKI: *Você acha que a civilização ultrapassou o limite seguro de velocidade?*

Stanisław Lem: Sob vários aspectos, com certeza já estamos além desse limite. Em política, sobretudo. As mudanças sociais e econômicas são bem mais rápidas do que a evolução dos sistemas políticos, apesar do enorme esforço humano para harmonizá-los. Pensemos em biotecnologias. É claro que a regulamentação e as novas leis sempre se formam mais lentamente que as novas tecnologias.

JACEK ŻAKOWSKI: *O Estado é sempre mais lento do que o mercado.*

Stanisław Lem: Não somente nesse domínio. Pensemos na globalização. Trata-se aqui não somente da cultura ou da economia. Na Polônia fala-se pouco demais sobre a aceleração da evolução do clima. O esquentamento dos oceanos provoca furacões de uma força até agora desconhecida e uma flutuação da pressão atmosférica e da temperatura nunca vistos antes ou, pelo menos, incomparavelmente mais raros. À Polônia isso diz respeito num grau por enquanto muito limitado, mas os furacões, por exemplo, já tocam a península européia da Eurásia. Sobre isso nós nem pensamos muito – não somente porque não podemos fazer nada, mas também porque a nossa cabeça está mais cheia de problemas do que pode suportar.

Se a lei tem dificuldades para acompanhar as mudanças da civilização, a consciência humana, a nossa sensibilidade e a nossa ética falham completamente nessa tentativa. Nesse domínio registramos apenas com grande dificuldade os pontos de interrogação que aparecem. E a medicina? Quanto mais existem nela altas tecnologias, super modernos instrumentos, remédios e procedimentos, mais é visível que o cobertor é curto demais. Uma parte da humanidade cada vez maior não pode receber ajuda médica proporcional ao saber e à tecnologia dos quais dispomos. O médico que procede ao tratamento cada vez mais freqüentemente deve perguntar: “Quanto isso pode custar? Na faixa de quanto devo curá-lo? Quanto realmente vale sua saúde e sua vida?”. É cada vez mais freqüente que a vida e a saúde do paciente devem depender da quantidade de dinheiro da qual dispõe. O tratamento de acordo com os últimos conhecimentos em medicina será acessível apenas aos mais ricos.

Por isso, todo nosso esforço deve consistir em não deixar a Polônia sair da parte rica do mundo. Nunca na vida providenciaremos um bom serviço médico para um bilhão de chineses e para algumas centenas de milhões de habitantes da África Negra,

mas podemos preocupar-nos para que os poloneses tenham um tratamento médico decente e nisso devemos concentrar-nos. Não salvaremos mais o mundo, mais numa certa medida podemos salvar a nós mesmos.

JACEK ŻAKOWSKI: *Isso soa bastante cínico.*

Stanisław Lem: Isso é realista. A Polônia é apenas um pequeno fantoche no mapa do mundo contemporâneo. Devemos conhecer a nossa escala. A mim – vou dizer sinceramente ainda que isso não seja muito popular – faz um tanto rir quando os sábios poloneses tentam censurar os chineses ou os russos no sentido que apliquem com mais dedicação em seus países os direitos humanos e outras regras justas.

JACEK ŻAKOWSKI: *Antigamente, outros sábios – como você os chama - intervinham em nossa defesa, agora, então, é a nossa vez de intervir em defesa dos outros.*

Stanisław Lem: E quem somos nós para eles? Porque devem ouvir-nos? O PEN Club americano que protestava, por exemplo, depois da lei marcial, é uma potência mundial porque tem amigos em Wall Street e em Washington. Quem são os nossos amigos? Para que então se fazer de palhaço?

JACEK ŻAKOWSKI: *Mas você assinou a petição relativa à Tchetchênia?*

Stanisław Lem: Foi por causa de Miłosz⁵ que me pediu. E, no entanto, eu disse a ele que, segundo a minha opinião, o tempo de tais petições já acabou. Acabou a época da política sutil. As grandes potências são hoje em dia tão grandes e sua dominação sobre o resto tão decisiva, que aquele que tem o poder não se preocupa com uns discursos poloneses. Duzentos intelectuais escrevem em nome de uma causa, outros quarenta em nome de uma outra. Isso não faz nenhum sentido. Quem precisa disso?

JACEK ŻAKOWSKI: *Nós talvez.*

Stanisław Lem: Para ter a consciência limpa de que não ficamos parados?

JACEK ŻAKOWSKI: *Por exemplo.*

⁵ Czesław Miłosz (1911-2004), poeta polonês, Prêmio Nobel de 1980.

Stanislaw Lem: Então é melhor doar cem zlotys⁶ para uma ajuda concreta. Graças a Deus e a Balcerowicz já temos uma moeda cambiável e os nossos cem zlotys ajudarão naturalmente mais do que assinaturas.

JACEK ŻAKOWSKI: *Você acha que é possível comprar uma consciência limpa por cem zlotys?*

Stanislaw Lem: Se alguém tem uma tal necessidade, por favor. Mas o mais importante é de dar-se conta de que, antes de mais nada, é necessário limitar-se. Hoje em dia tudo é possível. Mas não se pode ter tudo ao mesmo tempo. Toda arte da vida num mundo tal como o nosso consiste na renúncia de 99% do que é possível para concentrar-se no um por cento que nos é importante.

Antigamente tínhamos um só canal e, por exemplo, nas quintas-feiras às 20h toda a Polônia se sentava na frente da televisão para assistir o “Cobra”. As pessoas esperavam por aquilo toda a semana. Agora, à mesma hora, centenas de emissoras transmitem centenas de programas diferentes. Não podemos ver todos ao mesmo tempo. E mais, sempre, a toda hora, alguma emissora no mundo emite algum programa interessante. Assim, poderíamos, em geral, não sair da frente da televisão e passar toda a nossa vida de uma maneira interessante. No entanto estamos obrigados a fazer também outras coisas.

Tal como numa loja. Antes ficávamos felizes quando conseguíamos comprar um pedaço de presunto. Hoje em dia, em cada supermercado podemos comprar presunto em qualquer quantidade e em dezenas de tipos. E, no entanto, mesmo se você tem dinheiro suficiente para comprar tudo isso, você compra apenas 100 ou 200 gramas, porque mais do que isso você não consegue comer. Lembro que nos anos 70, minha esposa ficou muito feliz quando conseguiu comprar um quilo de amêndoas numa cantina do Exército. Se eu comprar hoje um quilo de amêndoas, ela pensaria que fiquei louco. Quem precisa de um quilo de amêndoas? Bastam 100 gramas. Quando acabam, compra-se de novo. Isso acontece em todos os domínios.

De um ano para outro podemos escolher entre uma quantidade de opções cada vez maior. É necessário que nos limitemos, cada vez mais conscientemente, e isso é muito difícil, sobretudo quando temos que decidir coletivamente: se, por exemplo,

⁶ Moeda polonesa.

investir em desenvolvimento da ciência ou em alimentação dos pobres. Se estudar o genótipo ou o cosmos. Falo de uma maneira geral, mas temos diante de nós milhares de perguntas desse tipo e elas são incomparavelmente mais complexas. A escolha e a auto-limitação consomem cada vez mais nossa energia, pessoal e social. Temos no mundo 10 elevado à 17ª. potência de bytes de informação. Disso, ninguém é capaz de trabalhar nem mesmo um por cento. Como escolher exatamente as informações das quais precisamos? E nem mesmo é possível inventar o algoritmo que o possibilitasse.

JACEK ŻAKOWSKI: *Na internet dispomos de ferramentas de busca que o facilitam.*

Stanisław Lem: Então digite no Netscape, por exemplo, a palavra “felicidade” em algumas línguas mais conhecidas – até o final de sua vida você não lerá tudo aquilo que aparecerá. E será que isso o aproximará da felicidade? Assim, assimilamos um monte de informação que é completamente inútil e nunca encontramos as que poderiam facilitar enormemente a nossa vida. Apesar de todos os sofisticados sistemas de seleção de informação, sobre o nosso saber decide em grande medida o mero acaso. Ninguém sabe como lidar com toda essa aceleração da produção do saber e das mudanças que nos submergem. Existem até teorias que pesquisam quantas vezes descobrimos hoje em dia as mesmas verdades científicas.

JACEK ŻAKOWSKI: *Quantas vezes?*

Stanisław Lem: Frequentemente, muitas. Mas isso não é o maior problema. O mais importante é saber quando todo esse monte finalmente desabarará. Alguns dizem que o saber é como um montinho de areia. Quando, sentado na beira do mar, você fica construindo um cone de areia seca, o cone cresce, cresce, até que enfim sua base se rompe e o cone rui. É extremamente difícil calcular quanto tempo pode-se ficar construindo esse cone. Mas é certo que não infinitamente. De novo – talvez – seja preciso dizer-se que não tem sentido erguer de modo irrefletido um montinho feito de milhares de doutorados que não servirão nunca a ninguém, mas uma tal auto limitação ultrapassa a capacidade humana de comunicação. Então temos que limitar-nos individualmente. Eu, por exemplo, em “Okamgnienie” limitei de uma maneira muito estrita o campo de minhas previsões. Nem tento prever a política ou a economia.

JACEK ŻAKOWSKI: *Diga a verdade, é um pouco de medo?*

Stanisław Lem: De acordo. Não é possível imaginar qualquer harmonia durável numa civilização que desenvolve-se numa velocidade como a da nossa. Isso provoca medo.

JACEK ŻAKOWSKI: *Esse medo é em você um tanto novo.*

Stanisław Lem: Porque as mudanças são incomparavelmente mais rápidas do que alguém pudesse imaginar. O ponto de partida é diferente do que há dez anos atrás.

JACEK ŻAKOWSKI: *Wojtek Orliński, meu colega de redação, acha que não é o mundo que mudou mas, antes, Lem.*

Stanisław Lem: Tudo muda, eu também, mas não sou o único a deixar de ficar entusiasmado com o futuro, não sou o único a perder a fé de que o mundo que formamos será decisivamente melhor do que o que encontramos.

JACEK ŻAKOWSKI: *Tenho impressão que em “Okamgnienie” percebe-se mais: medo perante a razão humana. Isso que foi uma grande esperança que conduzia sua escrita – a fé na vitória da razão sobre as forças de natureza e sobre o irracional – foi substituído pelo medo da onipotência da razão.*

Stanisław Lem: É verdade. Pois já hoje em dia podemos muito mais do que pensamos que poderíamos. Isso é preocupante. Há tempos é evidente que o desenvolvimento tecnológico é a variável independente do desenvolvimento da civilização. Feita uma descoberta, não é possível cobri-la. Uma invenção criada, não é possível voltar atrás. E uma descoberta leva consigo pelo menos algumas outras. Uma invenção conduz a outras. Os robôs fazem outros robôs melhores. Os processadores elaboram outros processadores mais perfeitos. É impossível parar isso. Todo mundo quer correr para frente e ninguém sabe para onde.

JACEK ŻAKOWSKI: *Até a felicidade absoluta e a imortalidade.*

Stanisław Lem: Mas sabe-se que isso não é possível.

JACEK ŻAKOWSKI: *O que não é possível?*

Stanisław Lem: Nem uma coisa nem outra. O recém-nascido já possui codificado que deve morrer. A vida é um processo de combustão fria e toda combustão sempre deixa cinzas, sebo, resíduos e leva finalmente a uma queima. Podemos queimar-nos mais

divagar, podemos trocar nosso coração, rins e outros órgãos, mas não podemos trocar nossos vasos cerebrais. Há pouco tempo uma pequena veia estourou no cérebro de um primeiro ministro da maior potência tecnológica. E acabou! Ninguém pode fazer nada. E mesmo se lidarmos com o problema do envelhecimento dos vasos cerebrais, nunca mudaríamos o fato que não se pode sem fim encher o cérebro humano com novas informações – e se o limpamos, ele se esvaziaria e o homem pareceria com um repolho. Continuará vivendo, mas não saberia nada.

Não fomos criados para a imortalidade. E mais, possuímos dentro de nós mecanismos que a impossibilitam. Somente os americanos, que desde sempre costumam exagerar, são capazes de construir visões ou até programas científicos para chegar à imortalidade.

JACEK ŻAKOWSKI: *Alguma coisa deve haver nisso já que homens sérios investem centenas de milhões de dólares nesse tipo de programas.*

Stanisław Lem: Saudade, sonhos. A civilização americana que agora se espalha por grandes partes do mundo, alimenta-se com os sonhos. Quanto maior é o sonho, mais estes a estimulam. A colonização de Marte, o escudo cósmico contra os foguetes russos, o homem imortal... Isso tudo é irreal, mas influencia a imaginação, estimula a inventividade, dá impressão de participação numa grande obra histórica. Os americanos não podem simplesmente viver sem isso. Isso lhes dá asas.

JACEK ŻAKOWSKI: *A você também dava. E você, com seus sonhos, dava asas aos leitores. Não lhe fazem falta hoje essas asas?*

Stanisław Lem: É verdade, um homem dotado de sonhos é sem dúvida mais feliz e, ao mesmo tempo, mais belo. Mas os homens centrados nos sonhos tornam-se perigosos. A natureza dotou-nos de características um tanto desagradáveis e os sonhos com frequência as agravam. Mesmo se são belos. Em nome de belos sonhos fazemos coisas vis ou simplesmente estúpidas. Quando os mais belos sonhos começam a realizar-se, costumamos encontrar-nos à beira de uma catástrofe.

Pensemos, por exemplo, no velho e belo sonho de que as pessoas possam ter filhos quando e quais quiserem. Estamos muito próximos da realização desse sonho. Um enorme esforço e muito dinheiro foram utilizados para que ele se realizasse. E, no entanto, isso será uma catástrofe. Você imagina a vida da primeira geração desses filhos

dos sonhos? Ora, ela seria constituída em 1980 por cento por homens de um metro e noventa de altura, louros e de olhos azuis. E de onde tirar mulheres para eles? Da clonagem da boneca Barbie? Mas, por outro lado, a caminho desse sonho terrível adquirimos um grande saber que dá a muita gente uma verdadeira felicidade ou pelo menos os libera do sofrimento das doenças genéticas.

JACEK ŻAKOWSKI: *Então vale a pena sonhar mas sob a condição que nossos desejos nunca virem realidade, pois, de perto até os mais belos sonhos tornam-se monstruosos.*

Stanislaw Lem: Sobretudo os mais belos. Por exemplo, o sonho de que não fiquemos doentes. Quantos homens maravilhosos sacrificaram a vida para que tal sonho se realizasse? E quanto conseguimos a caminho de sua realização? A maioria das doenças que durante séculos devastava a humanidade, hoje em dia não existem mais. Isso é maravilhoso.

Mas continuaremos achando isso tão maravilhoso quando, graças à medicina, seremos 15 bilhões na terra? Duvido que algum dia possamos mandar a sobra para Marte ou para uma galáxia vizinha. E será que poderemos nos agüentar quando seremos 30 bilhões? Mesmo se conseguirmos nos alimentar? Será que não nos mataremos mutuamente amputamos 90 por cento da agressividade que temos? Ora, não é por acaso que o livro de Le Bon “A psicologia das multidões” e que foi publicado há mais de cem anos vive hoje em dia um grande renascimento.

Somos apenas uns seis bilhões e já é difícil nos suportarmos. Não é por acaso que mais soldados são formados hoje em dia para dominar multidões do que para lutar no front. Pois, na maioria dos países civilizados, uma multidão – de torcedores, de desempregados, de inimigos da globalização – apresenta uma ameaça maior do que o exército do vizinho. Quanto maior for a multidão, mais irresponsável é o comportamento das pessoas. Mas as multidões crescerão. Os nossos instintos coletivos tornam-se cada vez mais perigosos. E a humanidade continua reproduzindo-se sem pensar. Você imagina como será o mundo da metade do século XXI, quando seremos por volta de dez bilhões? Você pode viver até lá. Eu não o invejo. Nem a seus filhos. Não sei se o doutor Pasteur ficaria orgulhoso vendo o que os homens, vivendo graças às vacinas que lhe devemos, estarão fazendo então na Terra.

JACEK ŻAKOWSKI: *De fato, estes são desafios crescentes, mas será que você – antes o entusiasta do futuro – quer dizer, hoje, que não valeu a pena? Que estragamos este mundo? Que sonhando irracionalmente e realizando os sonhos irrefletidamente, em vez de construir um céu na terra, construímos um inferno?*

Stanisław Lem: Mas isso ninguém sabe. Afinal, não temos comparação com um mundo alternativo. Em geral é difícil julgar algo cuja alternativa nos é desconhecida. Sobretudo porque não conhecemos e nem imaginamos o final. O que parece bom freqüentemente resulta em mau isso que consideramos mau freqüentemente resulta bom a longo prazo. Se o fim do mundo fosse hoje, poderíamos tentar fazer algum balanço. Mas, como não conhecemos a data do Último Julgamento, todas conclusões seriam falsas. Sabemos apenas que o que conseguimos sempre dramaticamente perde em valor e que, quando conseguimos uma coisa, sempre inventamos outros objetivos. Quando eliminamos um problema, em seu lugar aparecem sempre cinco outros.

É fácil subir em um tigre, mas como descer? Nós subimos em um demônio tecnológico e ele agora faz conosco o que quer, mas se tentarmos descer, ele nos devora. Os demônios tecnológicos que desencadeamos agora nos assustam à noite. Nos assustam com a invasão tecnológica em nós mesmos, em nossos corpos, em nosso cérebro. Antes, isso parecia atraente, hoje é assustador. Pois sempre é mais agradável apenas sonhar com algo. Sonhar é inofensivo, pois significa o futuro, e o futuro não dói. Fomos míopes. Quarenta anos atrás, parecia-nos que esses demônios ainda estavam muito, muito longe, e eles estavam bem perto. Talvez deveríamos nos lembrar da antiga verdade de que não existe nenhum “helicitómetro” ou aparelho que meça a felicidade. Do estado de felicidade provocado pelas batatinhas fritas que comia quando trabalhava como obreiro numa oficina alemã me lembro até hoje, e agora as batatinhas fritas não me impressionam mais nada. O homem já é feito de modo que a nossa maior felicidade está “entre a mão estendida e a fruta...”

JACEK ŻAKOWSKI: *“...entre o convite e a manhã da viagem”. Isso os poetas sabiam, não somente antes da Segunda Guerra Mundial, mas já antes da Guerra de Trinta Anos e antes da Guerra do Peloponeso. E, no entanto, não sabemos renunciar a colher a fruta nem a partir em viagem.*

Stanisław Lem: E quase sempre mostra-se que a fruta é podre e a viagem cansativa e desejamos apenas voltar para casa. E continuamos, sem acreditar que não existe nem

retorno nem essa região absolutamente feliz para a qual partimos há alguns mil anos. Diferimos dos outros primatas principalmente em nossa eterna busca e nossa eterna insatisfação. Somos um macaco de viagem. Isso é fascinante, mas também cansativo. Assim, em nossas emoções individuais e sociais, os medos e as esperanças dominam sucessivamente. Em minha opinião, agora começa um período no qual os medos e o cansaço dominarão. De qualquer modo, parece que entendemos cada vez menos para onde tudo isso vai.

JACEK ŻAKOWSKI: *Você acha que sabemos cada vez melhor que não sabemos cada vez mais?*

Stanisław Lem: Eu sinto isso muito nitidamente. Sei cada vez melhor que não sei cada vez mais. Já nem sei mais acompanhar todas essas novas teorias. Às vezes me parece que as universidades crescem mais rápido do que o universo e que os professores reproduzem-se mais rápido que os hindus e cada professor deve, pelo menos uma vez a cada dois anos, publicar um novo livro e, em cada livro, deve haver alguma nova teoria. As mais selvagens idéias rodam no mundo da ciência. Quem lerá tudo isso? Quem distinguirá as bobagens do que faz sentido? Quem o entenderá? Há, talvez, alguns gênios no mundo. Eu já não posso mais. E já não acredito mais que a minha voz – mesmo se eu gritar a plenos pulmões – possa mudar qualquer coisa.

Essa mudança exponencial já não parará mais. Ela correrá para frente, para onde quiser – gostemos disso ou não. Como um tufão que nenhuma força humana pode parar. E a que serve que meus livros estejam traduzidos em trinta e seis línguas e que tenham sido impressos vinte e sete milhões de exemplares? Tudo isso vai e não sobra nada. Torrentes de livros escoam pelos balcões das livrarias e levam para o porão tudo que lá se encontrava. Hoje em dia o livro na livraria nem tem tempo de pegar poeira. Nós vivemos cada vez mais, é verdade, mas a existência de tudo em nossa volta é cada vez mais curta. Isso é muito triste. Mas ninguém mais pode parar isso. O mundo em nossa volta morre de uma maneira tão momentânea que não se pode realmente acostumar com nada.

Gazeta Wyborcza, 2000/105, p. 8.